

## Mulheres proibidas ou masculinizadas?

Dr. João Pedro Gonçalves Araújo<sup>1</sup>

**Resumo** O artigo apresenta uma discussão de duas missionárias norte-americanas. Cercadas de relatos truncados, sexos trocados e envolvidas em lutas de gênero, duas missionárias norte-americanas, Mary Wilcox e Bertha Stenger, passaram pouco tempo no Brasil. Ao que se saiba, queriam se dedicar ao trabalho do ensino fundando uma escola na recém-criada Belo Horizonte. Tinham, contudo, a oposição de um pastor brasileiro, mas gozavam de um protetor de peso, o missionário pioneiro dos batistas, William Bagby, que, movido mais por necessidades familiares que estratégicas, tinha interesse na fundação de escolas para seus filhos crianças. A oposição de Belo Horizonte as tirou de lá e as levou para a proteção e companhia de Bagby. Com tudo isso, no entanto, tiveram que sair do Brasil e acabaram sendo desligadas do quadro de missionários de Richmond.

**Palavras-chaves:** mulheres, missionárias, batistas, poder, educação.

O tema dessas duas missionárias me chamou a atenção durante minhas leituras para o programa de Pós-Doutorado. Meu interesse em trazê-lo aqui é quase um pedido de informações de quem saiba mais sobre o assunto. Ele se tornou especial para mim e gostaria de aprofundá-lo no futuro. Ao mesmo tempo, ele se apresenta como que um material oferecido para alguma pesquisa que porventura revele algum interesse a futuras pesquisas.

Esse episódio está cercado de alguns pontos misteriosos sobre a presença, trabalho, saída e exoneração de duas missionárias norte-americanas em Belo Horizonte. Vejamos. Nos perguntamos o que realmente teria acontecido com as missionárias Bertha Stenger e Mary Wilcox. Começamos com a citação de Crabtree (1937, p. 169). Ela aparentemente é simples e o registro parece ter sido apenas uma decisão administrativa da Missão. No entanto, quando se vê que diversos autores, inclusive não batistas, se ocuparam do tema, não parece ser tão simples: “No ano de 1900 houve diversas mudanças no pessoal do campo. Miss Bertha Stenger e Miss Mary B. Wilcox voltaram aos EE.UU. e foram exoneradas do serviço missionário”.

A exoneração de um missionário não se dava por pequena coisa ou à

---

<sup>1</sup> Bacharel em Teologia pela Faculdade Teológica Batista de Brasília (FTBB), Bacharel em Filosofia pela UnB, Mestre em Ciências da Religião pela UMESP, Doutor em Sociologia pela UnB e Pós-Doutor pela PUC/GO. Ligado à Faculdade Teológica Batista de Brasília.

toa, por capricho. Deveria acontecer algo grave para que se exonerasse alguém do quadro de Richmond. Nesse caso, tratou-se de uma exoneração dupla. Essas duas missionárias solteiras, entre as primeiras missionárias que chegaram ao Brasil, estavam voltadas diretamente para o trabalho educacional. A saída delas é mais estranha ainda quando se examina um escrito do missionário pioneiro William Bagby em 1898, depois de uma visita que fez à igreja em Belo Horizonte, cidade onde as duas missionárias trabalhavam:

Miss Wilcox e Miss Stenger são trabalhadoras consagradas, prontas para toda a boa obra. Estão alegres em ver completada a sua nova casa que servirá para residência e collegio. Miss Wilcox forneceu o dinheiro para a construção deste lindo e confortavel edificio. Essas duas moças christãs farão um optimo serviço na educação e evangelização, se puderem ficar em Bello Horizonte (CRABTREE, 1937, p. 170).

Pela citação, percebe-se que elas ajudavam em vários afazeres. Estavam trabalhando na edificação de um prédio que serviria para moradia e para uma futura escola. Na verdade, as duas missionárias deram início ao futuro Colégio Batista de Belo Horizonte. Isso se deu, como acontecia naqueles tempos, com o dinheiro do bolso do missionário-educador. Sabemos, pelo relato de Bagby, que Wilcox forneceu os recursos necessários para deixar em um ponto aceitável o início do colégio. Parece que ele advogava a permanência das duas missionárias no Brasil, visto que “são trabalhadoras consagradas” e estão “alegres” e seria um ganho se pudessem “ficar em Bello Horizonte”.

Contudo, algo fez com que não ficassem em Belo Horizonte. Tudo leva a crer que, já naquele ano, havia uma possibilidade de serem retiradas dali – estavam fazendo algo alheio ou contra a vontade de Richmond? Para Bagby, não. No entanto, foram retiradas dessa cidade de qualquer forma, pois aparecem dois anos depois em São Paulo, ajudando o missionário Bagby em 1900. É provável que Bagby tenha tomado para si a responsabilidade de cuidar ou trabalhar com elas.

A próxima citação sobre Wilcox e Stenger dá conta de que haviam voltado para os Estados Unidos e que tinham sido exoneradas da Missão de Richmond. Nenhuma obra que este autor conheça dedicada à história dos

batistas no Brasil (OLIVEIRA, 2005; SILVA, 2011; SANTOS & SANTOS, 2012), ou da educação protestante em nossas terras (MACHADO, 1999; SILVA, 2004), vai mais longe acerca dessas duas missionárias do que temos até aqui.

O silêncio é bem característico. Não é de crer que faltassem informações sobre a saída das duas. O livro de Betty Antunes de Oliveira “Centelha em restolho seco” (2005), cita mais de mil e cem nomes de norte-americanos e europeus vindos ao Brasil, residentes, missionários e comerciantes, além de notas cartoriais, registro civil de casamentos, nascimentos e mortes. É o livro mais documentalmente completo que conhecemos na historiografia batista. No entanto, não há nem mesmo referência às missionárias Wilcox e Stenger. Mário Ribeiro Martins em seu livro “Missionários americanos” (2007), escreveu sobre a vida de mais de cinquenta missionários batistas no Brasil e também não cita nenhuma das duas missionárias.

José Nemésio Machado (1994, p. 56), escreveu: “Em Belo Horizonte, em 1898, duas jovens americanas, às próprias expensas, organizaram uma escola e a viram prosperar, até que um grupo muito grande de operários transferiu-se da cidade; por isso, a escola tornou-se inviável”. Silva (2004, p. 71), registrou que em 1898 “as missionárias Berta Stenger e Mary Wilcox, abriram uma escola em Belo Horizonte [...], esta iniciativa teria pouca duração, uma vez que as missionárias foram transferidas para São Paulo, um ano depois, para ajudar na fundação de uma igreja”.

O que faziam e o que queriam fazer, além da transferência para São Paulo são temas obscuros quando o assunto é Stenger e Wilcox. Mas as obscuridades não param por aí. Segundo David Mein (1982, p. 349, Apêndice I), Bertha Stenger e Mary B. Wilcox chegaram ao Brasil em 1898 e saíram em 1900. A cronologia da presença das duas missionárias no Brasil é contraditória. Oliveira (2015), conhece uma outra data para a chegada das duas por aqui e afirma que chegaram em 1895, três anos antes da data oficial dos batistas.

Outro fato que chama ainda mais a atenção é o pequeno livro de Sarah Gill Maddox (1950, p. 18). Ao contar a história do Colégio Batista Mineiro, essa autora coloca a ênfase e iniciativa não às duas missionárias, mas em

Ephigênia Maddox, esposa do missionário Maddox, no ano de 1918. O relato não faz qualquer referência à “construção deste lindo e confortavel edificio” conforme Crabtree escreveu, nem qualquer menção aos esforços e edificação das duas missionárias cerca de vinte anos antes do casal Maddox.

O título do livro: *A história de Ephigênia Roe Maddox*: fundadora do Colégio Batista Mineiro<sup>2</sup>, parece ser uma reivindicação final de quem deve ser ou ficar para a história como a verdadeira fundadora desse Colégio. Aparentemente, tudo foi esquecido e começado como se nada houvesse sido feito antes pelas duas missionárias. O casal Maddox começou a escola em sua casa com 13 alunos, e alguns anos mais tarde, junto com o missionário J. R. Allen pediram o dinheiro à Missão em Richmond para a compra do terreno em Dezembro de 1925. Um dos prédios dessa escola leva o nome de Ephigênia Maddox, em homenagem à esposa do missionário.

Richardson (1982, p. 83-4), outro autor e missionário a tratar do surgimento das escolas batistas de iniciativas pessoais – primeiro período –, faz menção rapidamente dessas duas missionárias. Contudo, praticamente nada mais faz que uma apropriação da citação de Crabtree, que já fizemos alusão acima.

No ano de 1898 fundaram-se duas escolas batistas, uma em Belo Horizonte, Minas Gerais, e a outra em Salvador, Bahia. A escola em Belo Horizonte foi fundada por duas jovens americanas que, às suas próprias despesas, resolveram cooperar com a instrução do povo brasileiro na então nascente cidade. A escola cresceu muito enquanto a cidade de Belo Horizonte prosperava. Com a mudança de centenas de operários, a escola ficou prejudicada e encerrou suas atividades.

Pela citação, tal fato fica ainda mais enigmático. Aparentemente, as “duas jovens” tomaram a decisão de criar uma escola. Até aí, nenhum problema, visto que todos os colégios até então tinham sido começado com

---

2 Pelo título original do livro: *The Story of Effie Roe Maddox* e a data da sua publicação, 1950, não tinha conotações com o Colégio Batista Mineiro, pois foi uma biografia escrita pela nora do casal de missionários. O livro, no entanto, foi traduzido no Brasil em 2008, quando comemoraram 90 anos daquela escola. O subtítulo em português parece evocar, reivindicar e reforçar a história a partir do casal de missionários. Sendo uma edição de aniversário, há uma palavra do filho caçula do casal, David Maddox, concitando o leitor à fidelidade dos seus pais e chamando as pessoas responsáveis pelo Colégio a voltar aos princípios assentados por seus pais.

disposição e dinheiro de um missionário fundador. O autor cita que elas “resolveram cooperar com a instrução do povo brasileiro” como se essa decisão tivesse sido à revelia da Missão e quase não dá para perceber que eram missionárias. Só ficamos sabendo por Crabtree que eram da Missão porque foram exoneradas. Finalmente, depois de escrever sobre o crescimento da escola, Richardson afirma que os operários mudaram e a escola ficou prejudicada. No entanto, essa informação não ajuda a resolver a questão, ao contrário, leva o leitor a pensar ainda mais. Belo Horizonte foi inaugurada em Dezembro de 1897, quando tinha 10 mil habitantes. Depois de sua inauguração, continuou num crescimento acelerado e não parou mais. Assim, a necessidade de uma escola era ainda mais urgente, o que ficou patente 20 anos depois com a família Maddox. Além disso, certamente a mudança ou saída dos operários não justificava o fim da escola.

Um pouco de luz para se entender a saída das missionárias de Belo Horizonte é lançado José dos Reis Pereira (1982, p. 68). Esse autor cita as duas jovens em 1899 como fundadoras da Primeira Igreja Batista em São Paulo, depois de explicar que estavam nessa cidade por motivo de remanejamento de missionários pela Missão de Richmond. Então, Reis Pereira completa o seu relato dando uma pista do que realmente poderia haver acontecido, sem, contudo, entrar em detalhes sobre o desentendimento ocorrido entre elas e o pastor brasileiro José Alves:

As duas missionárias tinham tido o propósito de estabelecer um colégio em Belo Horizonte, sendo que Mary Wilcox até proveu os fundos para a construção de uma casa, que serviria de residência e colégio. Desentendimentos com o Pastor José Alves as levaram a deixar Minas e ir cooperar na fundação da igreja paulista.

Mais à frente, José dos Reis Pereira (1982, p. 290), escreve que o colégio de Belo Horizonte começou com “tanta animação”, mas que “foi de pouca duração”. A causa ou causas da mudança das missionárias e do fim do colégio continuam a desafiar pesquisadores. Um autor escreveu que a causa estava na mudança de operários; para outro, foi o fator desentendimento com um pastor brasileiro. Mas o desentendimento com o pastor brasileiro poderia ter sido resolvido com a simples mudança para São Paulo, como de fato aconteceu. Foram trabalhar com quem lhes apoiava, o pastor Bagby. No

entanto, depois de terem mudado de cidade e ido a São Paulo ... foram exoneradas da Missão.

Certamente algo aconteceu em Belo Horizonte que os historiadores batistas preferiram guardar silêncio. Segundo Reis Pereira (1982, p. 68), desentendimentos aconteceram até mesmo na recém-criada igreja nessa cidade que a fez fechar e somente alguns anos depois foi reaberta.

A Primeira Igreja de Belo Horizonte foi organizada em fevereiro de 1897, por Bagby e Taylor, ficando como pastor José Alves, que havia sido consagrado por Bagby, no Rio. Participaram da organização duas jovens missionárias, Berta Stenger e Mary Wilcox. Por circunstâncias várias, essa igreja veio também a fechar-se, vindo sua reorganização a ocorrer anos mais tarde.

Reis Pereira explica que houve um remanejamento de missionários em 1899, indo para São Paulo os missionários J. J. Taylor, J. L. Downing e “as jovens Stenger e Wilcox”. Segundo esse autor, foi depois dos desentendimentos com o pastor brasileiro José Alves que elas partiram para São Paulo e ajudaram a fundar a primeira igreja batista naquela cidade.

Outra forma de ver a situação é pela ótica do pesquisador e professor Émile-G. Léonard (1981, p. 168). Léonard, que não é batista nem norte-americano, escreveu a história do protestantismo no Brasil a partir de outra perspectiva. Para ele, José Alves veio de outra denominação e parece que não nutria muita simpatia por missionários norte-americanos. Ainda que o autor use o masculino – problemas com a tradução para o português? – para tratar do evento, certamente Wilcox e Stenger são centrais na sua narrativa. Ao final, José Alves também sai da denominação e volta ao seu grupo originário.

Ao mesmo tempo, a Igreja Batista de Belo Horizonte se agitava em torno de uma questão muito semelhante. Fora criada, em 1897, pelo pastor José Alves, vindo de outra denominação e que aí trabalhou com exemplar devoção batizando numerosos adeptos. Desentendeu-se, entretanto, com dois jovens missionários americanos que haviam fundado, na mesma cidade, um colégio batista. A questão terminou, após grandes discussões na comunidade, pela saída dos adversários que, abandonando Belo Horizonte,

vieram para São Paulo de onde regressaram aos Estados Unidos, e pela volta de José Alves à sua denominação primitiva.

Ainda que Richardson (1982), dê a presença das duas missionárias como pertencendo à Junta de Richmond em 1898, podemos supor que elas tenham sido acrescidas ao quadro de missionários dessa Junta nesse ano, mas que já tinham chegado ao Brasil antes, e, como todo missionário, passou algum tempo no aprendizado da língua e só então começaram a ajudar o trabalho dos batistas.

Sobre a chegada anterior a 1898, é Éder Aguiar Mendes de Oliveira (2015)\*, quem pode ajudar um pouco. Vieram, como muitos outros, como missionários independentes, sem ligações econômicas e trabalhistas com a Missão de Richmond. Ficam, contudo, obscuros, os motivos reais da saída dessas missionárias de Belo Horizonte, a ida para São Paulo, a volta para os Estados Unidos e o desligamento de Richmond.

Poderíamos aqui aventar diversas possibilidades: saúde, condições financeiras da Missão e até o fato dessas missionárias não serem sulistas. Essas condições são perfeitamente explicáveis. Não, contudo, na situação das duas missionárias. Pelo relato feito pelo missionário Bagby, elas já tinham suas presenças ameaçadas no Brasil em 1898 em Belo Horizonte, daí ele ter escrito: “Essas duas moças christãs farão um optimo serviço na educação e evangelização, se puderem ficar em Bello Horizonte”. Uma ressalva a ser feita no escrito de Bagby é que, como homem, deseja que o trabalho do missionário se restrinja à evangelização. Só mais tarde a educação passou a ser considerado um trabalho feminino e o colégio como aliado à evangelização.

Também sabemos que não foram as condições econômicas e a saída de operários depois da inauguração da cidade, pois Belo Horizonte continuou crescendo em ritmo acelerado. Além disso, a escola atendia às crianças das famílias com condições de pagar suas mensalidades, ainda que não

---

\* Elas chegaram ao Brasil em 1895 e aprenderam a língua com o casal Bagby, na companhia de quem ficaram até meados de 1897. Acesso no sítio: <http://www.abhr.org.br/plura/ojs/index.php/anais/article/viewFile/1006/848>, em 03/11/2015, às 15h40.

rejeitassem aquelas egressas das classes mais baixas. Assim, a escola seria sustentada com as mensalidades pagas pelas famílias mais abastadas da cidade.

Nossa hipótese inicial é que os desentendimentos com o pastor José Alves podem ter funcionado como os principais motivos da saída e desligamento de Wilcox e Stenger da Missão de Richmond. José Alves viera de outra denominação, para onde retornou também depois desses desentendimentos. A igreja de Belo Horizonte também sofreu com as intrigas internas. Se tais intrigas foram as únicas ou as geradoras de tudo, não sabemos.

Sabemos que nesse tempo o nacionalismo era muito forte entre os brasileiros. Revoltas civis e xenófobas aconteceram em várias localidades onde os missionários tinham fundado suas igrejas. A República recém-inaugurada ajudou a exacerbar algumas rebeliões de brasileiros contra os missionários no interior das denominações protestantes – metodistas, presbiterianos e batistas. Os presbiterianos se dividiram em 1903 por causa desse nacionalismo, o mesmo acontecendo na Bahia e Maceió entre os batistas.

Até o final do século dezenove e a primeira década do século vinte, sabemos também que a educação não tinha a simpatia de diversos missionários, de pastores e fiéis brasileiros e menos ainda da sede da Missão em Richmond. Tal fato pode ter sido um dos fatores geradores das discórdias entre o pastor José Alves, a igreja e as missionárias. A mudança dos missionários de um lugar para outro não obedecia apenas uma questão de oportunidades evangelísticas, mas seguia uma lógica de evitação de conflitos com brasileiros no interior de suas igrejas e com as autoridades civis brasileiras.

Talvez a explicação da saída das missionárias esteja na junção de todos esses fatores acima. Certamente não podemos descartar nenhuma delas por enquanto. É certo também que os primeiros historiadores batistas sabiam dos verdadeiros motivos, principalmente Crabtree e Mesquita. Os historiadores que lhes seguiram somente reproduziram o relato que ficou registrado como oficial e que se tornou oficializante.

Também não está claro porque as missionárias tendo que sair de Belo Horizonte, não puderam ficar em São Paulo, e, além disso, terem sido desligadas do quadro de missionários da Junta de Richmond, nos Estados Unidos. Não fica claro porque os relatos das duas missionárias tomaram formas masculinas nos relatos de Léonard. Não sabemos quais as fontes que lhe chegaram às mãos. Não sabemos se houve um erro do original francês para o português, coisa difícil de acontecer com um tradutor confundir termos como “duas missionárias” e traduzir dois missionários, ainda que seja possível tal confusão entre os termos “americano” e “americana”.

Por fim, cento e dezessete anos depois, temos mais perguntas que respostas para entendermos o que aconteceu com Bertha Stenger e Mary Wilcox. O desafio continua e está lançado.

## REFERÊNCIAS

ARAÚJO, João P. G. As mulheres estejam caladas. *Revista Fragmentos de cultura*. (PUC/GO), Vol. 22, nº. 4, Goiânia, p. 199-213, 2012.

\_\_\_\_\_. *Educação e conversão religiosa*. Curitiba: Appris, 2014.

\_\_\_\_\_. *Histórias, ideias e pensamentos batistas*. São Paulo: Fonte Editorial, 2015.

\_\_\_\_\_. *Eles eram tudo: a dependência dos batistas brasileiros aos missionários norte-americanos*. *Paper* (Pós-Doutorado em Ciências da Religião) – Pontifícia Universidade Católica de Goiás, Goiânia, 2015. Orientação de Eduardo Quadros.

\_\_\_\_\_. *Batistas: dominação e dependência*. São Paulo: Fonte Editorial, 2015.

CRABTREE, Asa R. *História dos baptistas no Brasil*. Rio de Janeiro: Casa Publicadora Batista, 1937.

LÉONARD, Émile-G. *O protestantismo brasileiro: estudo de eclesiologia e de história social*. Rio de Janeiro e São Paulo: JUERP/ASTE, 1981.

MACHADO, José Nemésio. *A contribuição Batista para a educação brasileira*. Rio de Janeiro: JUERP, 1994.

\_\_\_\_\_. *Educação batista no Brasil: uma análise complexa*. São Paulo: Colégio Batista Brasileiro, 1999.

MADDOX, Sarah G. *A história de Efigênia Maddox, a fundadora do Colégio Batista Mineiro*. Mississipi, 1ª Igreja Batista de Picayuna, 1950.

MARTINS, Mário Ribeiro. *Missionários americanos e outras figuras do Brasil evangélico*. Goiânia: Kelps, 2007.

MESQUITA, Antonio N. de. *História dos batistas do Brasil*. Rio de Janeiro: Casa Publicadora Batista, 1940.

OLIVEIRA, Betty A. de. *Centelha em restolho seco*. Uma contribuição para os primórdios do trabalho batista no Brasil. São Paulo: Vida Nova: Ed. da autora, 2005.

OLIVEIRA, Éder Aparecido M. de. Experiências das missionárias Norte-americanas na implantação do projeto educacional batista em Belo Horizonte/Minas Gerais (1897-1920). In: *Anais dos Simpósios da ABHR*, Vol. 14 (2015). Disponível em <http://www.abhr.org.br/plura/ojs/index.php/anais/article/viewFile/1006/848>, acesso em 03/11/2015, às 15h40.

PEREIRA, José dos R. *História dos batistas no Brasil, (1882-1982)*. Rio de Janeiro: JUERP, 1982.

RICHARDSON, William L. C. Educação. In: MEIN, John (Coord.). *O que Deus tem feito*. Rio de Janeiro: Junta de Educação Religiosa e Publicações da Convenção Batista Brasileira, 1982.

SILVA, Cleni da. *Educação Batista – Análise de sua implantação no Brasil*. Rio de Janeiro: JUERP, 2004.